



# A «Obra ao Rubro» na Cultura Portuguesa de Seiscentos: o Cristão-Novo Manuel Bocarro Francês e seus Versos Alquímicos de 1624

Sandra Silva

Doutoranda na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

À memória do amigo Rafael Jácome

“Sem Deos nada se faz, e torna a ser nada tudo quanto se faz, sem Deos”<sup>1</sup>

## 1. Manuel Bocarro Francês *alias* Jacob Rosales: Percurso de Vida, Legado Escrito e *Ars Magna*

Figura instruída e arrebatada, que privara com eminentes letrados de sua época, Manuel Bocarro Francês foi um célebre poeta, médico, astrólogo e matemático, que nasceu na cidade de Lisboa<sup>2</sup>, por volta de 1588<sup>3</sup>, no seio de uma família de cristãos-novos com raízes em Estremoz e Abrantes. Filho do físico Fernão Bocarro e de Guiomar Nunes<sup>4</sup>, estudou no colégio jesuíta de Santo Antão de

<sup>1</sup> ANSELMO CAETANO MUNHO'S DE AVREU e CASTELLO BRANCO, *Ennoea, ou a Aplicação do Entendimento sobre a Pedra Filosofal*, Edição «Fac-Simile» com Nota de Apresentação de Yvette Kace Centeno, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, Diálogo II, p. 7.

<sup>2</sup> Tal é mencionado pelo próprio físico poeta que, no frontispício do seu *Tratado dos Cometas que Apareceram em Novembro Passado de 1618*, Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1619, se dá a conhecer como “Medico, & Astrologo, natural desta cidade de Lisboa”.

<sup>3</sup> Numa epístola autógrafa de Junho de 1658, dirigida ao Conde de Odemira, Bocarro confessa possuir setenta anos de idade, pelo que parece ter nascido cerca de 1588: “V. S. perdoe meus attreujmentos que são ja de .70. annos de idade, nos quais sempre fis bem, e seruj, e ja mais fis mal a nenhuã pessoa”. Cf. Biblioteca da Ajuda, Códice 50-V-36, fl. 146.

<sup>4</sup> Fernão Bocarro parece ter composto um *Memorial de Muita Importancia para Vêr S. Magest. o Senhor Rey D. Filippe III. de Portugal em como se Haõde Remediar as Necessidades de Por-*





SANDRA SILVA

Lisboa, onde ainda se achava por volta de 1610, altura em que, à semelhança de muitos vultos da *Nação Hebraea*, cultivou uma ambígua e arriscada vivência religiosa no Portugal da Inquisição, pois, apesar de mostrar sinais exteriores de devoto cristão, alimentou heréticos interiores de judeu firme, tendo persuadido o seu irmão António Bocarro a seguir a Lei de Moisés; andado a injuriar o culto católico, ao pronunciar expressões de descrença e ao condenar o culto das imagens sagradas; efectuado jejuns mosaicos pelo tempo da Páscoa; e aguardado a chegada do Redentor esperado pelos Hebreus.<sup>5</sup>

Deixando o colégio de Santo Antão de Lisboa, onde deve ter assistido a lições matemáticas na avançada Aula da Esfera,<sup>6</sup> Bocarro partiu para o reino vizinho, estabelecendo-se de início em Alcalá de Henares, terra em que tirou o bacharelato em medicina e foi lente de cadeiras de substituição da faculdade de medicina e artes<sup>7</sup>. Indo depois a Sigüenza, onde obteve o grau de licenciado naquela disciplina mediante exame e com grande ovação, participou em 1616 num certame literário em Toledo, aí apresentando uma ode e um epigrama latinos, os seus primeiros escritos dados à estampa<sup>8</sup>. Assim votado à medicina e às letras, em 1618 encontrou-se de novo

*tugal, e como se Hade Haver contra seus Inimigos, que molestaõ aquella Coroa, e os mais seus Reynos.* Cf. DIOGO BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca Lusitana Historica, Critica e Cronologica*, ed. facsimilada, Coimbra, Atlântica Editora, 1966, tomo II, p. 19. Sobre a família de Bocarro, veja-se I. S. RÉVAH, “Une Famille de «Nouveaux-Chrétiens»: les Bocarro Francês”, *Revue des Études Juives*, CXVI, 1957, pp. 73-87.

<sup>5</sup> Algumas das principais práticas judaizantes de Bocarro já descrevemos no nosso artigo “Criptojudaísmo e Profetismo no Portugal de Seiscentos: o Caso de Manoel Bocarro Francês *alias* Jacob Rosales (1588/93?-1662/68?)”, *Estudos Orientais*, vol. VIII, *A Ideia de Felicidade no Oriente*, 2003, pp. 173-174.

<sup>6</sup> Cf. HENRIQUE LEITÃO, “Sphæra Mundi”, in *Sphæra Mundi: a Ciência na Aula da Esfera: Manuscritos Científicos do Colégio de Santo Antão nas Coleções da BNP*, comis. cient. Henrique Leitão, coord. Lígia Martins, Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, 2008, p. 19.

<sup>7</sup> Cf. SOUSA VITERBO, *Médicos Poetas*, sep. *Archivos de Historia da Medicina Portuguesa*, n.º 2, 2.º ano (nova série), Porto, Typ a vapor da “Encyclopedia Portuguesa Illustrada”, 1911, p. 6.

<sup>8</sup> Cf. PEDRO DE HERRERA, *Descripcion de la Capilla de N<sup>ra</sup> Sr<sup>a</sup> del Sagrario que Erigio en la St<sup>a</sup> Iglesia de Toledo el Ill.<sup>mo</sup> S.or Cardenal D. Bernardo de Sandoual y Rojas*, *Arcoobpo de Toledo*, Pri-





em Lisboa, tendo estado imerso na observação dos cometas que então se avistaram, acerca dos quais escreveu e publicou no ano seguinte o seu *Tratado dos Cometas que Apareceram em Novembro Passado de 1618*. Aqui, recorrendo a doutrinas astronómicas recentes e a cálculos matemáticos, ousou contestar vários postulados da dominante cosmovisão aristotélica, ao afirmar, entre outras sentenças, que os céus, os planetas e as estrelas eram feitos de matéria elementar e corruptível, que o espaço supralunar, em vez de sólido, se apresentava fluído e que os cometas que muito duram e possuem movimento circular não nasciam no ar e sim no céu, derivando dos aspectos que formam entre si os planetas Marte, Júpiter e Saturno<sup>9</sup>.

Dedicado pois aos temas astronómico-matemáticos, Bocarro, após ter recebido em 1620 autorização para exercer o múnus clínico no reino de Portugal, andou a prestar serviços médicos a várias figuras ilustres, sendo chamado a Madrid em 1622 para tratar de D. Baltasar de Zúñiga, tio do Conde de Olivares e Presidente do Conselho de Estado da monarquia castelhana. Continuando mergulhado na escrita, compôs a *Vera Mundi Compositio* (1622), que se encontra perdida, e a *Anacephaleoses da Monarchia Lusitana* (1624)<sup>10</sup>, tetralogia de inspiração épica, de profuso sentimento patriótico e que apenas teve a primeira parte impressa, a qual, designada *Stado Astrologico*, é dedicada a Filipe III de Portugal e se constitui de 131 oitavas, como adiante veremos. Nela, Bocarro expôs os cálculos

*mado de las Españas, Chanciller Mayor de Castilla, Inquisidor General, y del Cons.º de Esta.º del Rey. D. Fil. 3. N. S. y Rel. on de la Antigüidade de la Stª Imagen: con las Fiestas de su Traslacion*, Madrid, na Casa de Luis Sanchez, 1617, liv. IV, fls. 117v e 136v-138.

<sup>9</sup> Sobre este tratado de Bocarro, veja-se LUÍS MIGUEL CAROLINO, “Disputando Pedro Nunes: Mendo Pacheco de Brito «Versus» Manuel Bocarro Francês numa Controvérsia Matemática de Inícios do Século XVII”, *Anais da Universidade de Évora*, n.º 12, 2002, pp. 87-108; e CARLOS ZILLER CAMENIETZKI, LUÍS MIGUEL CAROLINO e BRUNO MARTINS BOTO LEITE, “A Disputa do Cometa: Matemática e Filosofia na Controvérsia entre Manuel Bocarro Francês e Mendo Pacheco de Brito acerca do Cometa de 1618”, *Revista Brasileira de História da Matemática*, vol. 4, n.º 7, 2004, pp. 3-18.

<sup>10</sup> Cf. MANOEL BOCARRO FRANCÊS, *Anacephaleoses da Monarchia Lusitana*, Lisboa, Antonio Alvarez, 1624.





SANDRA SILVA

astrológicos que inclinariam Portugal a emergir como a derradeira monarquia do mundo, monarquia essa que, purificando os heréticos cristãos reformados e subjugando os fiéis do Corão, aspergiria o credo de Roma por todo o Orbe<sup>11</sup>. Contudo, nestes seus versos, Bocarro, por detrás do sentido heróico e universal que destinou ao reino lusitano, terá ocultado um outro sentido, um sentido ainda mais verdadeiro a seu ver que, assentando em subtilezas metafóricas, incitava à autonomia de Portugal do domínio de Castela. Com infortúnio, este sentido oculto veio a ser descoberto pelas autoridades vigentes, que parecem ter impedido de circular o *Stado Astrologico* e encontrado em casa do impressor o manuscrito da quarta parte do *Anacephaleoses*, o *Stado Heroico*, composição ainda mais comprometedora, pois aí se pedia ao Duque de Bragança que tomasse o ceptro lusitano, apoiado pelos fidalgos portugueses. Na consequência da descoberta desta sua ousadia autonomista, Bocarro acabaria por ser preso no tronco, onde esteve ao longo de mais de dois meses, corria o ano de 1624<sup>12</sup>.

Originando inimizades com certos castelhanos em virtude dos seus intentos independentistas<sup>13</sup>, Bocarro, talvez sabendo que contra si chegara à Inquisição de Lisboa uma denúncia como judaizante feita pelo seu próprio irmão António Bocarro, parece ter decidido abandonar o reino de Portugal em 1626, estando já em Fevereiro desse ano em Roma, cidade onde, a salvo de contendas com as autoridades espanholas, veio a confirmar que o seu *Anacephaleoses da Monarchia Luçitana* era realmente uma composição autonomista, que proclamava a restauração do trono lusitano em seu antigo go-

<sup>11</sup> Já abordámos este assunto no nosso citado estudo “Criptojudaísmo e Profetismo no Portugal de Seiscentos: o Caso de Manoel Bocarro Francês *alias* Jacob Rosales (1588/93?-1662/68?)”, pp. 175-178.

<sup>12</sup> Cf. MANUEL BOCARRO FRANCÊS, *Luç Pequena Lunar e Estelífera da Monarquia Lusitana*, Prefácio de Galileu, introd., notas e fixação do texto por Luís Miguel Carolino, Rio de Janeiro, MAST, 2006, p. 106.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 118.





verno. Curiosamente, Bocarro veio a confessar esta sua aspiração independentista no seu opúsculo *Luz Pequena Lunar e Estelífera da Monarquia Lusitana*, obra que, constituída de uma epístola-prólogo, de quatro fragmentos comentando a monarquia prognosticada no *Stado Astrologico* e de um conjunto de vinte e cinco oitavas pertencentes ao *Stado Heroico*, foi mandada imprimir em Roma, no ano de 1626, pelo eminente matemático Galileu (1564-1642), que lhe acrescentou um prefácio, onde elogia o talento de Bocarro, havendo-o como um varão admirável e sumamente douto, aliás, o príncipe dos astrólogos.<sup>14</sup>

Admirado pois em terras italianas, onde ainda foi impressa a sua perdida composição *Foetus Astrologici* (Roma, 1626), Bocarro, após ter atravessado França, dirigiu-se para Hamburgo, indo viver na comunidade de judeus portugueses da cidade, local em que, abandonando as «vestes» de cristão, aderiu formalmente ao judaísmo, deixando-se circuncidar e tomando o nome de Jacob Rosales. Ali se achando pelo menos desde 1631, fora habitado por sentimentos espirituais e empenhara-se nas práticas religiosas, pois, a par das cerimónias do *Sabat* que realizava em sua casa, frequentava a Sinagoga, aí desempenhando, de quinze em quinze dias, a função de predicante da Lei de Moisés, altura em que “*ensinaua as ceremonias da ley explicando os lugares da escritura conforme a interpretação dos sabios*”<sup>15</sup>.

Preocupado com as questões do divino, Bocarro, em Hamburgo, prosseguiu não só a sua ocupação de médico, cuidando de vários nobres como um dos filhos de Cristiano IV da Dinamarca (1588-1648)<sup>16</sup>, mas também os seus labores literários, tendo composto, durante a década de 30, a *Brindis Nupcial* (1632), epitalâmio

<sup>14</sup> Cf. *Ibidem*, p. 92.

<sup>15</sup> Cf. ANTT, Inquisição de Lisboa, Processo n.º 7276, de Miguel Francês, Sessão de 5 de Maio de 1646, fl. 22. Algumas das práticas religiosas de Bocarro em Hamburgo já tratámos em SANDRA NEVES SILVA, “O Físico Imanuel Bocarro Rosales: Vestígios da sua Presença em Livorno”, *Estudos Italianos em Portugal*, Nova Série, N.º 0, 2005, pp. 65-66.

<sup>16</sup> Cf. DIOGO BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca Lusitana Historica, Crítica e Cronologica*[...], tomo III, p. 197.



SANDRA SILVA

celebrando a união matrimonial de Sara e Isaac Abas; dois poemas prefaciais saídos na *Gramatica Hebraica* (1633) do erudito Moses Gideon Abudiente (1610-1688); três composições poéticas dedicadas ao douto médico de Amesterdão Zacuto Lusitano (1575-1642) e intituladas *Clio in Auctoris Gloriam* (1637), *Ode Saphicum* (1637) e *Poculum Poeticum* (1639); e dois poemas impressos na tipografia de Menasseh ben Israel (1604-1657), o *Panegyricus in Laudem Eximii & Praestantissimo Sapientis, Nobilis q Viri, Menasseh ben Israel* (1639) e o *Epos Noetikon sive Carmen Intellectuale* (1639), extensa composição de conteúdo religioso e filosófico. Ainda na década de 30, já nos seus finais, Bocarro, esquecendo as agruras passadas com os Castelhanos, começou a efectuar trabalhos diplomáticos para Espanha, tarefas que continuou mesmo depois da Restauração do trono de Portugal.

Tendo sido agraciado pelo Imperador Fernando III (1637-1657) com o título de Conde Palatino em 1641, em virtude de seus préstimos políticos e científicos<sup>17</sup>, Bocarro, nos anos seguintes, prosseguiu com a difusão de seus escritos, publicando o texto prefacial *Armatúra Medica*, na *Opera Omnia* (1643) do acima mencionado Zacuto Lusitano, a segunda edição do *Foetus Astrologici* (1644) e a reedição do *Stado Astrologico* (1644), que veio a lume bastante alterada da versão original de 1624. Estes dois últimos escritos foram impressos, juntamente com o índice de uma extensíssima obra que Bocarro andou a compor, a qual, parecendo ter ficado manuscrita e estando perdida, se intitulava *Regnum Astrorum Reformatum*, repartida em dois largos tomos, um consagrado à astronomia e o outro à astrologia. Deixando de lado as publicações, Bocarro, no tempo que se seguiu, continuando ao serviço dos Habsburgo, foi construindo uma sólida carreira diplomática, alcançando em 1645 o cargo de Encarregado de Negócios, em 1647 o ofício de Comissário e em 1650 o posto de Residente de sua Majestade em Hamburgo, Lübeck

<sup>17</sup> Cf. HERMANN KELLENBENZ, “Dr. Jakob Rosales”, in *Zeitschrift für Religions – und Geistesgeschichte*, VII, 1956, p. 350.



e Baixa Saxónia.<sup>18</sup> Olvidando o Portugal restaurado que em tempos vaticinara e defendera, andou, no ano seguinte, a espiar e a prejudicar os interesses lusitanos na região, impedindo que um cidadão italiano angariasse tropas para o trono português<sup>19</sup> e tentando adquirir duas fragatas guardadas para D. João IV (1640-1656).

Acabando, no entanto, por vir a perder o apoio espanhol, Bocarro, quase sem bens, resolveu abandonar a cidade de Hamburgo em 1653, tendo ido habitar a comunidade de judeus portugueses de Livorno. Deslocando-se várias vezes a Florença, divulgou na corte dos Médicis parte de seus eruditos trabalhos, com a publicação do *Fasciculus Trium Verarum Propositionum* (1654), compilação que, dedicada ao herdeiro da Etrúria, Cosmo III (1642-1723), reúne a segunda edição da *Vera Mundi Compositio*, a terceira edição do *Foetus Astrologici*, acrescida de uma quarta parte, e a segunda edição do *Epos Noetikon sive Carmen Intellectuale*, que aparece ligeiramente retocada. A par da difusão destes seus escritos, Bocarro, na zona da Toscana, foi continuando o seu labor de médico e, curiosamente, em 1658, depois de ter andado a danificar interesses portugueses a favor de Castela, mantém contactos com figuras da governança lusitana, como o influente Conde de Odemira, D. Francisco de Faro e Noronha, a quem envia uma «Proposição» apontando uma série de razões que levariam o ceptro português a manter a sua autonomia no cenário das guerras travadas após a Restauração<sup>20</sup>. Tendo integrado em 1660 a associação de caridade mosaica «Hebra de Cazar Orfas» de Livorno<sup>21</sup>, Bocarro, contando mais de setenta anos de idade, portanto, uma idade bem avançada, acabaria por não resistir,

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 352.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 353.

<sup>20</sup> Cf. Biblioteca da Ajuda, Códice 50-V-36, fls. 147-147bis. Veja-se o nosso artigo, “O Físico Imanuel Bocarro Rosales: Vestígios da sua Presença em Livorno”, *Estudos Italianos em Portugal*, Nova Série, N.º 0, 2005, pp. 73-75.

<sup>21</sup> Cf. CECIL ROTH, *Notes sur les Marranes de Livourne*, Paris, Imp. H. Elias, 1931, p. 14, nota 3.



SANDRA SILVA

vindo a falecer algures em 1662 ou 1668, ficando os seus restos mortais certamente em solo italiano.

Homem culto e entusiasta, que privara com nobres, eruditos, rabinos e diplomatas, Bocarro, como atrás se viu, deixou um extenso legado escrito, palco de citação de numerosos autores antigos e modernos, constituído de singulares tratados científicos, de curiosos versos laudatórios e de preciosas composições poéticas em latim e português, glosando temas múltiplos ligados a assuntos médicos, a reflexões atronómico-matemáticas, a matérias filosófico-religiosas e a juízos astrológicos e profetizantes, anunciadores de mutações nas esferas políticas. Ao lado destas temáticas, Bocarro discorreu também acerca da Pedra Filosofal dos alquimistas ou “*supremo segredo da Natura*”<sup>22</sup>, fazendo-o nalgumas das oitavas que compõem o seu referido *Stado Astrologico*. Constituindo uma espécie de *corpus* autónomo e vindo acompanhadas de uma explicação final denominada «Anotaçam Chrysopea», tais oitavas são de suma importância por emergirem como a mais antiga digressão hermética em idioma lusitano estampada em Portugal, dado que antecedem em mais de cem anos a impressão do texto considerado como “o primeiro tratado português de alquimia, explicitamente apresentado como tal”<sup>23</sup>, o *Ennoea, ou Applicaçõ do Entendimento sobre a Pedra Filosofal*, obra da lavra do douto médico Anselmo Caetano Munho’s de Avreu Gusmão e Castello Branco que, editada em 1732 e 1733 e de intrincada contextura<sup>24</sup>, prima como um emblemático discurso simbólico sobre experiências operativo-laboratoriais<sup>25</sup>, decompondo-se

<sup>22</sup> Cf. MANOEL BOCARRO FRANCES, *Anacephaleoses da Monarchia Luçitana*[...], 1624 fl. 11, oit. 37.

<sup>23</sup> Cf. ANSELMO CAETANO MUNHO’S DE AVREU e CASTELLO BRANCO, *Ennoea, ou Applicaçõ do Entendimento sobre a Pedra Filosofal*[...], p. 5.

<sup>24</sup> Acerca da sua complexa estrutura veja-se, A. M. AMORIM DA COSTA, *Alquimia, Um Discurso Religioso*, Lisboa, Vega, 1999, precisamente o capítulo “A Aplicação do Entendimento sobre a Pedra Filosofal”, pp. 121-134.

<sup>25</sup> Cf. JOSÉ MANUEL ANES, “O Segredo debaixo de uma Pedra”, in *Discursos e Práticas Alquímicas*, vol. I, org. de José Augusto Mourão, Maria Estela Guedes, Nuno Marques Peirço e Raquel Gonçalves, Lisboa, Hugin, 2001, p. 154.





em três principais secções doutriniais, onde, recorrendo-se a abundantes alusões aos mais relevantes tratados de alquimia então conhecidos, se busca provar com veemência as virtudes e a antiguidade, a matéria e o modo de preparação da Pedra Filosofal da *Ars Magna*.

Apesar de irromperem como o mais remoto discurso alquímico em português que foi impresso em solo nacional, as oitavas crisopeias de Bocarro não devem ser tidas como o primeiro escrito em idioma lusitano sobre a *Lapis Philosophorum* em virtude da probabilidade de existirem dois textos acerca da *Opus Magnum* a elas anteriores, sendo eles dois pequenos tratados infelizmente perdidos que, supostamente redigidos em português pelo punho de um rei lusitano chamado Alphonso, terão servido a uma transladação em inglês, a qual, editada em Londres, por Thomas Harper, numa colectânea de 1652, ainda hoje se conserva<sup>26</sup>. Alimentando a esperança de um dia se vir a achar os originais portugueses, Amorim da Costa retroverteu para a língua lusitana aquela transladação<sup>27</sup> e, ainda que aceitando a hipótese de que o redactor de tais opúsculos fosse um alquimista anónimo que tivesse atribuído os seus textos a um dos soberanos portugueses de nome Alphonso, coligiu uma série de apontamentos para, de forma muito especulativa e arbitrária, colocar a possibilidade de o dito rei autor hermético ser D. Afonso V de Portugal (1438-1481), monarca votado à cultura, possuidor de obras místicas e muito próximo de seu tio Filipe, o Bom, Duque da Borgonha, e do filho deste, Carlos, o *Temerário*, ambos grãos-mestres da Ordem do Tosão de Ouro, ordem deveras conotada com a Alquimia.

---

<sup>26</sup> Cf. THOMAS HARPER, *Five Treatises of the Philosophers Stone*, Londres, 1652. Esta publicação consiste na reunião de cinco tratados de alquimia, em que os dois primeiros são apresentados como sendo da autoria de Alphonso, Rei de Portugal, que os compôs por sua própria mão, em português, havendo sido achados no seu quarto privado. Os autores dos restantes três tratados são mencionados como sendo o monge John Sawtre, o alemão Florianus Raudorff e o alquimista William Gratacolle. Veja-se A. M. AMORIM DA COSTA, *ob.cit.*, em específico o capítulo “A Alquimia em Portugal: o Rei Alphonso”, pp. 85-86.

<sup>27</sup> *Ibidem*, pp. 105-115.





SANDRA SILVA

Anteriores em mais de cem anos ao livro da *Ennoea* de Anselmo Caetano, mas posteriores aos possíveis tratados da autoria do monarca Alphonso, as oitavas alquímicas de Bocarro constituem então, até ao momento, o mais antigo escrito em português sobre a Pedra Filosofal saído de uma tipografia lusitana. Mas antes de as abordar e no ensejo de as melhor compreender, façamos uma incursão pelo universo da ciência hermética, aflorando os seus mais ínfimos anelos e a sua vasta divulgação entre cristãos e judeus da Europa moderna.

## 2. Alquimia: Via do Conhecimento e Via Amorosa

Amor, Arte do Amor, já que aspira «casar» princípios opostos e complementares da matéria<sup>28</sup>, ou «Química Sagrada», ao se afirmar simultaneamente operativa e espiritual, exterior e interior, a tradição hermético-alquímica consistia então no anelo de conceber a *Lapis Philosophorum*, substância mediante a qual poderia converter os metais vis em ouro e obter a panaceia universal, o elixir da eterna juventude. Não constando dos currículos académicos, caminhara subterraneamente ao longo dos tempos, sendo transmitida por via oral, de mestre a discípulo, de boca a orelha.<sup>29</sup> Velando-se numa linguagem cifrada e em símbolos de matizada aura hieroglífica,<sup>30</sup> mergulhara as suas raízes lendárias em Hermes Trismegisto, figura mitológica a quem é atribuída a *Tábua de Esmeralda* (séc. VI-VIII d.C.)<sup>31</sup>, escrito acolhido como a «Bíblia» onde bebia o grosso dos alquimistas, pois constituía uma síntese da noção hermética do mundo e, ao

<sup>28</sup> Cf. JOSÉ MANUEL ANES, *Re-Criações Herméticas. Ensaio Diversos sobre o Signo de Hermes*, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Hugin, 1997, p. 47.

<sup>29</sup> Cf. JULIUS EVOLA, *A Tradição Hermética. Nos seus Símbolos, na sua Doutrina e na sua Arte Régia*, Lisboa, Edições 70, 1979, p. 214.

<sup>30</sup> Cf. Alexander Roob, *O Museu Hermético. Alquimia & Misticismo*, Lisboa, Taschen, 1997, p. 8.

<sup>31</sup> *Ibidem*.





mesmo tempo, um “*um discurso pronunciado pelo Mercúrio dos sábios sobre a maneira como se elabora a Obra Filosofal*”<sup>32</sup>.

Postulando uma mundividência própria, amalgamada com doutrinas gnósticas e neoplatónicas, a corrente hermético-alquímica concebia o cosmos como um todo unificado. No começo existira a unidade divina, reservatório do ser e das possibilidades, que depois se manifestou, desdobrando-se num princípio formal, masculino, activo e de feição ígnea, e num princípio material, feminino e passivo, a partir dos quais nasceram os elementos, originadores de todos os corpos<sup>33</sup>; porém, por detrás de todos estes seres diferenciados, destas formas acidentais da matéria, residem lampejos do divino, habita o ente único e pleno de Deus, pelo que o cosmos, ao invés de diversificado, é uno, é um Todo<sup>34</sup>.

Mundo pejado de correspondências entre o alto e o baixo, onde o Homem se afigura o mais elevado ser da Criação, na terra se geram os metais, que, quais seres viventes, nascem no seio do mundo subterrâneo<sup>35</sup> e vão crescendo, passando por diversos estágios, o do chumbo, o do estanho, o do ferro, o do cobre, o do mercúrio e o da prata, até alcançarem o do ouro, amadurecimento perfeito e final para onde se dirige todo o reino metálico. Porém, em virtude de serem extraídos das trevas ctonianas antes do tempo de obterem o seu aperfeiçoamento, muitos seres metálicos não conseguem atingir a sua pureza última, ficando incompletos, inacabados, «crus», e é então que, desgostoso com este entorpecimento, e achando-se imbuído dum poder libertador autónomo, intervém o «filósofo hermético» a fim de restaurar a esfera mineral, pois, no retiro de seu laboratório, pela acção do fogo e em cingida colaboração com a natureza, cujas leis procura seguir copiosamente, busca fabricar a Pedra Filosofal, que lhe permitirá acelerar o ritmo geológico dos

<sup>32</sup> Cf. SERGE HUTIN, *A Alquimia*, Lisboa, Livros do Brasil, s.d., p. 50.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p. 69.

<sup>34</sup> Cf. PIERRE LASZLO, *O que é a Alquimia?*, Lisboa, Terramar, 1997, p. 25.

<sup>35</sup> Cf. PIERRE LASZLO, *ob.cit.*, p. 24.





SANDRA SILVA

metais até ao ouro, substituindo-se ao próprio Tempo<sup>36</sup>. Converte-se assim num ordenador do caos, num demiurgo, num “*Salvador Fraternal da Natureza*”<sup>37</sup> que, ao mesmo tempo que guia a matéria ao seu mais sublime estado, a maturação aurífica, se conduz a si mesmo à mais subida consciência, a consciência desperta para a eternidade e para Deus, pelo que a sua obra, a Obra Filosofal, é, como já frisámos, simultaneamente material e espiritual, externa e interna.

Tendo de possuir um coração puro e temência ao divino, o «filósofo pelo fogo» devia guardar segredo sobre a *arte* que professava, para que néscios e embusteiros não acedessem a um conhecimento tão alto, guardião dos mais elevados tesouros. Obedecendo assim à lei do silêncio<sup>38</sup>, o alquimista encontrava-se então capaz de entrar no palácio da sapiência hermética, no verdadeiro domínio do *Opus Magnum*, ao qual se devia entregar plenamente, orando e laborando como versa a célebre divisa alquímica “*ora et labora*”. Confiando-se a um mestre, que lhe ministrava a instruções iniciais, ia-se regendo depois pelos textos da *Ars Magna*, escritos labirínticos, complexos, propositadamente peçados de nomes cifrados, de enigmas figurados e de ilustrações misteriosas para confundir e desmotivar os leitores que, no fundo, não fossem crentes puros na Pedra dos Filósofos<sup>39</sup>; havendo achado o fio condutor do *modus operandi* da *arte* em tão escosos textos e já sem mestre, prosseguia os labores sozinho, abandonado à sua sorte, deixando-se levar unicamente pela inspiração e pela iluminação divina, na esperança de que estas lhe revelassem o caminho até à derradeira fase da Obra.

Aspirando alcançar a vida incessante, o alquimista vivia recolhido em seu laboratório, localizado em lugar abrigado de olhares indiscretos e munido de apetrechos que ele próprio executara<sup>40</sup>. Aí,

<sup>36</sup> Cf. MIRCEA ELÍADE, *Ferreiros e Alquimistas*, Lisboa, Relógio d'Água, s.d., p. 40.

<sup>37</sup> *Ibidem* p. 44.

<sup>38</sup> Cf. JULIUS EVOLA, *ob. cit.*, p. 213.

<sup>39</sup> Cf. ALEXANDER ROOB, *ob. cit.*, p. 12.

<sup>40</sup> Cf. SERGE HUTIN, *A Alquimia*, Lisboa, Livros do Brasil, s.d., p. 83.





por crer que a Pedra Filosofal se devia produzir à imagem da formação do mundo, procurava repetir à escala microcós mica o mistério da Criação, numa verdadeira «re-criação» hermética. Em linhas gerais, começava por colher do mundo telúrico a matéria-prima da sua obra, substância em estado desordenado e impuro, sobre a qual tecia grande sigilo<sup>41</sup>; depois, e professando a ideia da unidade da matéria<sup>42</sup>, votava-se a unir nupcialmente, em vera *coincidentia oppositorum*, os dois princípios contrários e complementares que supunha comporem e agirem na dita matéria-prima: o Enxofre, a semente masculina, activa, fixa, dadora da forma, também denominada Sol, Rei, Esposo; e o Mercúrio, a semente feminina, passiva, volátil, ligada ao corpo e designada em oposição por Lua, Rainha, Esposa. Seria então destas núpcias, deste encontro dos amantes Homem e Mulher, que se uniriam num andrógino, a *Rebis*, que brotaria o filho, a *Lapis Philosophorum*<sup>43</sup>.

Se seguisse especificamente a via húmida (uma das possíveis vias, existente a par da via seca e da via breve, entre outras) o filósofo hermético preparava a matéria de modo a obter o Mercúrio dos Sábios, aquele que estando puro, livre e em estado de possibilidade ilimitada, consentiria que o enxofre se encontrasse liberto para toda a acção transcendente e transformação<sup>44</sup>. Assim preparada, a matéria era mais tarde encerrada no Ovo filosófico, pequeno balão de vidro ou cristal que, portador de uma abertura a ser zelosamente tapada com o «selo de Hermes»<sup>45</sup>, era colocado numa escudela car-

<sup>41</sup> Tal extracção da matéria-prima das esferas ctonianas é traduzida pela fórmula do VITRIOLUM -Visita o Interior da Terra Rectificando Encontrarás a Oculta Pedra Verdadeira Medicina. Cf. *Ibidem*, p. 86.

<sup>42</sup> Que representava pelo símbolo do *ouroboros*, a serpente que devora a própria cauda.

<sup>43</sup> Com efeito, nas receitas alquímicas atribuídas a Maria a Judia, que a lenda diz ser a irmã de Moisés, recomendava-se “*Faz com que se junte o homem e a mulher e terás o que procuras [a Pedra Filosofal]*”. Veja-se ARTURO SCHWARZ, *Kabbale et Alchimie. Essai sur les Archétypes Communs aux Traditions*, com prefácio e capítulo de Moshe Idel, Paris, Oxus, 2005, p. 88.

<sup>44</sup> Cf. JULIUS EVOLA, *ob. cit.*, pp. 125-126.

<sup>45</sup> Cf. SERGE HUTIN, *A Alquimia*, Lisboa, Livros do Brasil, s.d., p. 88.





SANDRA SILVA

regada de cinza ou areia, a qual seria aquecida num forno ou *Athanos*, réplica do «forno cósmico» que se poderia constituir de três partes: uma superior, em forma de cúpula, que se prestava a refletir o calor; uma média, onde repousava a dita escudela com o Ovo filosófico e que possuía algumas vigias que permitiam vislumbrar as alterações que a matéria ia padecendo; e uma inferior, portadora do lume,<sup>46</sup> um lume que devia apresentar-se constante ainda que com diferentes gradações e cuja regulação era de suma importância, dado que metade da *arte* residia na descoberta do fogo, segundo o alquimista Arnaldo de Vilanueva (1245-1313)<sup>47</sup>.

Era pois pelas chamas que a matéria se transmutava e se sublimava, nelas se submetendo a várias operações pautadas pelo aparecimento de cores próprias: sob um calor suave e subtil, que «macera» gradualmente<sup>48</sup>, principiava por entrar em estado de decomposição, mortificação ou putrefacção, a fase do «solve»<sup>49</sup> que, representada por um corvo ou um esqueleto, se chamava a etapa da “Obra ao Negro” ou “Nigredo”; mantendo-se ao sabor dum fogo contínuo e paciente, ia-se libertando aos poucos daquela negritude fétida e, vencendo a morte, ressuscitava então, renascendo candidíssima, em esplendorosa luz láctea, caminhando assim para a fase da “Obra ao Branco” ou “Albedo” que, simbolizada por uma pomba ou um cisne,<sup>50</sup> correspondia ao Pequeno Magistério, isto é, à Pedra da alvura apta a trasladar os metais imperfeitos na mais pura prata<sup>51</sup>; persistindo ao lume, numa cocção seca, e estando tomada pela luminosidade alba, passava finalmente a envergar uma luz purpurina de denso brilho, marca da sua chegada triunfal à etapa do «coagu-

<sup>46</sup> Cf. SERGE HUTIN, *Ibidem*, pp. 89-90.

<sup>47</sup> Cf. ALEXANDER ROOB, *O Museu Hermético. Alquimia & Misticismo...*, p. 487.

<sup>48</sup> Cf. JULIUS EVOLA, *A Tradição Hermética. Nos seus Símbolos, na sua Doutrina e na sua Arte Régia*, Lisboa, Edições 70, 1979, p. 160.

<sup>49</sup> Cf. JOSÉ MANUEL ANES, *Re-Criações Herméticas. Ensaios Diversos sobre o Signo de Hermes*, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Hugin, 1997, p. 41.

<sup>50</sup> Cf. SERGE HUTIN, *ob. cit.*, p. 91.

<sup>51</sup> Cf. ALEXANDER ROOB, *ob. cit.*, p. 446.





la»<sup>52</sup> que, representada pela fénix, se designava “Obra ao Vermelho” ou “Rubedo” e assinalava a conquista do Grande Magistério, ou seja, a Pedra rubificada, votada a converter os metais «crus» em ouro perfeito e acabado<sup>53</sup>.

Vivendo nas chamas a sua paixão, aí tendo sucumbido e renascido purificada e esplêndida, a Pedra possuía então dois destinos sublimes, o da acima referida transladação dos metais vis em metais amadurecidos e valiosos, como a prata (argiropeia) e o ouro (crisopeia), e o da preparação da bebida da juventude eterna, o ouro potável que resgatará o corpo humano das impurezas, vencendo os males que o assolam, precavendo-o de enfermidades futuras e retardando-lhe o envelhecimento. Com a obtenção da Pedra, o filósofo hermético chegava assim à *aurea apprehensio*, à verdadeira e plena Conciência do Ouro, ciente de que o agente que permitira toda a transformação, mais do que o fogo no sentido concreto, fora o fogo espiritual do Amor<sup>54</sup>. Pelo Amor, e no Amor, atingia-se o conhecimento, alcançava-se a iluminação.

### 3. A Difusão da *Opus Magnum* entre Cristãos e Judeus do Renascimento e Barroco

Anelando pois tão excelsa medicina e o «incorrupível» metal dourado, a tradição hermético-alquímica desfrutara de vasta difusão durante o Renascimento e a época barroca, mercê em parte da extensa divulgação dos textos de Platão e dos neoplatónicos, bem como dos escritos atribuídos ao lendário Hermes Trismegisto. Com efeito, no seu regresso às fontes do passado, em busca de uma Antiguidade mais autêntica e depurada<sup>55</sup>, os humanistas empreenderam

<sup>52</sup> Cf. JOSÉ MANUEL ANES, *ob. cit.*, p.41.

<sup>53</sup> Cf. ALEXANDER ROOB, *ob. cit.*, p. 447.

<sup>54</sup> Cf. ARTURO SCHWARZ, *ob. cit.*, p. 40.

<sup>55</sup> Cf. JEAN DELUMEAU, *A Civilização do Renascimento*, vol. I, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, p. 95.



SANDRA SILVA

a restituição de tais obras, feito labutado sobretudo por Marsilio Ficino (1433-1499) que, após traduzir e comentar os quase olvidados diálogos do discípulo de Sócrates (470 ou 469-399 a. C), trasladou para o latim o subterrâneo *Corpus Hermeticum*<sup>56</sup>, escrito composto, povoado de temas de astrologia, magia e teologia que, imbuído de piedade e misticismo e insinuando-se como uma espécie de revelação, exprimia a ideia do universo como uma vasta entidade una, vivente, animada de correspondências ocultas, de simpatias secretas,<sup>57</sup> de diálogos incessantes entre as suas mais ínfimas partes, onde a alma humana podia intervir ao alterar ou preservar o ritmo das forças da natureza, emergindo assim como senhora do mundo.

Vindo a conhecer uma prolixa florescência escrita, a corrente hermético-alquímica fora abundantemente cultivada em palácios cristãos, junto de príncipes e reis como o emblemático Imperador da Alemanha Rudolfo II (1552-1612), espírito culto, filosófico e algo melancólico, que em Praga se rodeou de sábios e alquimistas, entre os quais o famoso astrólogo e matemático John Dee (1527-1608), autor do célebre texto *Monas Hieroglyphica* (1564), e o eminente médico Michael Maier (1568-1622), escritor profícuo que, tendo comparado a *Lapis Philosophorum* à Jerusalém Celestial, se destacou pela sua curiosa *Atalanta Fugiens* (1617), obra ornamentada com cinquenta gravuras de estilo enigmático e de admirável qualidade estética e simbolismo alquímico<sup>58</sup>. Havendo ainda composto o seu inspirado escrito hermético *Themis Aurea* (1618), Maier, na verdade, parecera ter detido um conhecimento directo do «círculo interno» da Ordem Rosacruz<sup>59</sup>, irmandade secreta que, aspirando

<sup>56</sup> Tido pelos humanistas como um aglomerado de ensinamentos antiquíssimo, remontando ao tempo de Moisés, parece datar, na verdade, dos primeiros séculos da era cristã.

<sup>57</sup> Cf. JEAN DELUMEAU, *A Civilização do Renascimento*, vol. II, Lisboa, Editorial Estampa, 1994, p. 131.

<sup>58</sup> Cf. PIERRE LASZLO, *ob. cit.*, pp. 76-77.

<sup>59</sup> Cf. ANTÓNIO DE MACEDO, “A Alquimia Espiritual dos Rosacruzes. Transmutação Mental, Transmutação Cordial e a *Themis Aurea*”, in *Discursos e Práticas Alquímicas*, vol. II, org. de José Manuel Anes, Maria Estela Guedes e Nuno Marques Peiriço, Lisboa, Hugin, 2002, p. 139.





ao desenvolvimento da *Ars Magna*, sobretudo na sua feição mais espiritual e especulativa, se dera a conhecer ao público de seiscentos mediante três manifestos anónimos atribuídos ao influente pastor luterano Johan Valentin Andreae (1586-1654): nos dois primeiros, *Fama Fraternitatis* (1614) e *Confessio Fraternitatis* (1615), narra-se a biografia mítica do fundador do Colégio Christian Rosenkreuz, vulto incumbido da tarefa de transmitir a toda a Cristandade a sabedoria suprema;<sup>60</sup> no terceiro e último, as *Núpcias Químicas* (1616), descreve-se o modo como o referido Christian Rosenkreuz fora convidado a entrar num maravilhoso castelo a fim de assistir ao prodigioso Casamento Alquímico do rei e da rainha, do *Noivo* e da *Noiva*<sup>61</sup>.

Sendo pois deveras apreciada nos meios cristãos, a Alquimia também fora muito praticada nos círculos judaicos, como veio a clarificar Raphael Patai no seu estudo *The Jewish Alchemists*, aí demonstrando o quanto a *Ars Magna* tem constituído uma relevante especialidade no seio dos labores culturais judaicos<sup>62</sup>. Cultivada por vultos místicos, a tradição hermética, na verdade, em muito se aproximara de certas concepções cabalísticas, sendo notória a correspondência existente entre a *Rebis*, o andrógino dos alquimistas, e Adam Kadmon, o homem primordial da Emanação, simultaneamente feminino e masculino segundo o *Zohar*<sup>63</sup>. Porém, fonte emblemática da íntima ligação da *Opus Magnum* à mística judaica é *Aesch Mezarah* (O Fogo Purificador), um texto medieval de alquimia cabalística e de autor anónimo que, incluído na *Kabbala Denudata* (1677-8) de Christian Knorr von Rosenroth (1636-1659), alude à dimensão alquímica da árvore sefirótica, posto que estabelece um

<sup>60</sup> Cf. PIERRE MONTLOIN e JEAN-PIERRE BAYARD, *Os Rosa-Cruz ou a Conspiração dos Sapientes*, Lisboa, Edições 70, 1999, pp. 35-39.

<sup>61</sup> Cf. ANTÓNIO DE MACEDO, *ob. cit.*, p. 138.

<sup>62</sup> Cf. RAPHAEL PATAI, *The Jewish Alchemists. A History and Source Book*, Princeton- Nova Jersey, Princeton University Press, 1994, p. 523.

<sup>63</sup> Cf. ARTURO SCHWARZ, *Kabbale et Alchimie. Essai sur les Archétypes Communs aux Traditions*, com prefácio e capítulo de Moshe Idel, Paris, Oxus, 2005, p. 65.





SANDRA SILVA

estreito paralelismo entre os metais e as *Sefirot* ou emanações do Infinito, fazendo corresponder, por exemplo, a prata a Hesed, o ouro a Gevurah, o mercúrio a Yesod e a Raiz Metálica a Keter que, de natureza secreta e envolta em densa obscuridade, constitui a fonte onde todos os metais possuem a sua origem<sup>64</sup>.

Associando-se pois a certas noções cabalísticas, a ciência hermética fora estudada e praticada por vários membros da *Nação Hebraea* portuguesa, como um tal Diogo Mendes, de quem o embaixador D. Francisco Pereira, num escrito de 1562 endereçado a D. Sebastião (1557-1578), dissera que possuía “*huma certa invenção que de muito pouco cabedal faz ouro e Prata de seu valor*”, facto que o próprio diplomata afirmara ter testemunhado, pois “*perante mym tirou huas pedrinhas pequenas que diz ser olio e deitado em huma pá de fiero muito quente a pá ficou prateada*”<sup>65</sup>. Além de Diogo Mendes, outros vultos houve da *Nação* que se interessaram pela Arte de Hermes, tais como o abastado mercador Manuel Ximenes, detentor de uma câmara de alquimia com destilaria na sua residência de Antuérpia<sup>66</sup>; o negociante Francisco Rodrigues Cardoso, ligado em Tenerife ao comércio de mercúrio<sup>67</sup> a ser usado, entre outras coisas, na *Ars Magna*; e o banqueiro Manuel Teixeira de Hamburgo, que em 1674 parece ter auxiliado a rainha Cristina da Suécia (1626-1689) em seus labores herméticos, falando-lhe sobre “*la liqener ardent de St. Bonaventure du Bois*”, espécie de elixir médico ou alquímico<sup>68</sup>. Bastantes anos antes,

<sup>64</sup> Cf. ARTURO SCHWARZ, *Ibidem*, p. 105.

<sup>65</sup> Citado por A. M. AMORIM DA COSTA, *ob. cit.*, p. 85.

<sup>66</sup> Cf. FLORBELA VEIGA FRADE, *As Relações Económicas e Sociais das Comunidades Sefarditas Portuguesas. O Trato e a Família 1532-1632*, Lisboa, Dissertação de Doutoramento Apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2006, p. 280, exemplar mimeografado.

<sup>67</sup> Cf. MARKUS SCHREIBER, *Marranen in Madrid, 1600-1670*, Estugarda, Franz Steiner Verlag, 1994, p. 124. Agradeço esta preciosa informação à colega e amiga Fernanda Guimarães.

<sup>68</sup> Cf. SUSANNA AKERMAN, *Queen Christina of Sweden and Her Circle. The Transformation of a Seventeenth-Century Philosophical Libertine*, Leiden, Nova Iorque, Copenhaga e Colónia, E. J. Brill, 1991, p. 192.



precisamente em 1638, na dita cidade de Hamburgo, já o erudito físico Benjamim Mussaphia (1606-1675) exprimira o seu interesse pela tradição hermética ao publicar a *Mezahab Epistola*, um pequeno texto em latim onde, procurando mostrar que a *Ars Magna* constava dos saberes dos antigos Hebreus, cinzela uma aprofundada exegese bíblica colhendo os versículos que aludem ao ouro, os quais faz acompanhar de glosas de estudiosos rabínicos, inclusivamente de comentadores medievais<sup>69</sup>.

Entre os cristãos-novos que se dedicaram à tradição hermética, figurou então Manuel Bocarro Francês, que no *Stado Astrologico* de 1624 trouxera a lume as suas oitavas alquímicas e respectiva «Annotaçam Chrysopea», as quais, como vimos, consistem, até ao momento, na primeira dissertação em português sobre a *Lapis Philosophorum* impressa numa tipografia lusitana. Ora vejamo-las de perto:

#### 4. As Oitavas Herméticas e a «Annotaçam Chrysopea» do *Stado Astrologico* (1624)

De grande relevância, os versos alquímicos de Bocarro pertencem pois ao *Stado Astrologico*, poema de 131 oitavas que, como frisámos, consiste na primeira parte da tetralogia *Anacephaleoses da Monarchia Lusitana*. Seguindo apenas o seu sentido literal, não o oculto autonomista nele cifrado e revelado na mencionada *Luz Pequena Lunar*, podemos dizer que o *Stado Astrologico* se desenvolve em torno de uma conversa entre o autor e uma Ninfa, a qual, representando a Honra, fundamento dos Reinos, destina aos varões portugueses a monarquia “*mais potente, & derradeira*”.<sup>70</sup> Ora este sublime fado, que concede ao ceptro lusitano um poder universal, parece achar-se anunciado nos astros ou “*luzes Celestes*”<sup>71</sup>, já na “*mudança da Ecentrecidade do Sol*”<sup>72</sup>, que deveria suscitar o eclodir dum governo

<sup>69</sup> Cf. RAPHAEL PATAI, *ob. cit.*, p. 437.

<sup>70</sup> Cf. MANUEL BOCARRO FRANCÊS, *Anacephaleoses da Monarchia Lusitana[...]*, fl. 9, oit. 24.

<sup>71</sup> *Ibidem*, fl. 10v, oit. 32.

<sup>72</sup> *Ibidem*, fl. 45.



SANDRA SILVA

ocidental que a partir de 1653 submeteria os Turcos; já na conjunção máxima de Júpiter e Saturno em 1603 que, manifestando-se na conjunção menor seguinte efectuada pelos mesmos planetas vinte anos depois, indicaria a constituição daquele governo em Portugal<sup>73</sup>; já na mudança do Auge do Sol, a qual levaria a que os senhores da Europa, zona Boreal, subjugassem os Turcos e a Ásia, zona Austral, acontecimento em que a Lusitânia parecia deter grande proeminência<sup>74</sup>. Emendando-se de seus perniciosos vícios e recuperando o valor das armas, os Portugueses hão-de então triunfar quando, estando a Europa em procelosas batalhas, conseguirem vencer a heresia derramada nos reinos reformados e converter na Boa Nova do Nazareno o poderio “do Gentio, Mouro, o do Octomano”<sup>75</sup>. Surgirá assim um só Pastor, a Igreja, e Portugal afirmar-se-á como supremo empório, para que o “*mundo todo sò nelle se veja*”<sup>76</sup>.

Incluídas então no tão exaltado e heróico *Stado Astrologico*, as estâncias alquímicas de Bocarro estendem-se ao longo de vinte estrofes de oitava rima, concretamente da 37 à 56, perfazendo assim um conjunto de 160 versos. Vindo comentadas na referida «Anotaçam Chrysopea», constituem no entanto um corpo autónomo no seio do *Stado Astrologico*, não só por destoarem do argumento da composição, o que é de menos importância, dado que o género épico consente divagações acerca de outros temas encadeados no central, mas também, e sobretudo, por emergirem em letra distinta, pois, estando o poema estampado em caracteres itálicos, aparecem impressas em caracteres regulares, à semelhança das demais partes que integram a edição mas que são exteriores à composição, como as licenças, a dedicatória, a «Protestaçam», a «Advertencia ao Lector», a «Anotaçam Chrysopea» e a «Anotaçam Astrologica».

<sup>73</sup> *Ibidem*, fl. 48v.

<sup>74</sup> *Ibidem*, fl. 49v.

<sup>75</sup> Cf. MANUEL BOCARRO FRANCÊS, *Anacephaleoses da Monarchia Lusitana[...]*, fl. 26, oit. 127.

<sup>76</sup> *Ibidem*, fl. 26v, oit. 128.





Distintas mas bem sedimentadas no poema, as oitavas alquímicas de Bocarro, precisamente por virem inseridas no *Stado Astrologico*, têm passado algo despercebidas. Ainda assim ficaram um tanto conhecidas, sobretudo nos começos de Setecentos, época em que, eclodindo uma redobrada atenção pelas questões da *Ars Magna*, suscitada em parte pela impressão da extensa *Bibliotheca Chemica* (1702) de Jean Jacques Manget (1652-1742)<sup>77</sup>, foram referidas nos meios intelectuais portugueses, já pelo douto D. Raphael Bluteau (1638-1734), recitador de uma lição académica intitulada *Da Possibilidade da Pedra Philosophal* (1717) que, no seu *Vocabulario Portuguez, e Latino* (1712-1728), cita Bocarro a propósito do Enxofre<sup>78</sup>, do Fogo Filosófico<sup>79</sup>, da Magnésia<sup>80</sup> e do Mercúrio<sup>81</sup>; já pelo mencionado Anselmo Caetano, erudito espírito que, no longo «Prologo Galeato» da sua *Ennoea*, onde refuta o *Mundus Subterraneus* (1644) de Athanasius Kircher (1602-1680), alude a Bocarro na parte em que nega que haja alguma lei que condene a crisopeia: “*E porque esta Arte de fazer Ouro verdadeiro, e puro, não he proibida por nenhum Direito positivo (...) por esta razão confiadamente dedicou ao Papa Leão X. João Aurelio Augurello tres livros escritos em versos Hexametros, em que se tratava da Pedra Philosophal, com o titulo de Chrisopeia, & vellus Aureum, seu Chrysopeia Mayor, & Menor; sobre a qual tambem escreveo em verso Heroico Lusitano o famoso Poeta Bocarro, sendo gratissimos aos Portuguezes, e Romanos estes Poemas, os quaes não seriaõ tão estimados dos Pontífices, e Monarchas, se por elles, ou por alguma Ley Divina, ou humana fossem prohibidos*”<sup>82</sup>.

Conhecido e apreciado no Portugal setecentista, Bocarro, ao discorrer sobre a *Ars Magna* em estrofes heróicas, inseriu-se então

<sup>77</sup> Cf. A. M. AMORIM DA COSTA, *ob. cit.*, p. 132.

<sup>78</sup> Cf. D. RAPHAEL BLUTEAU, *Vocabulario Portuguez, e Latino*, tomo III, Coimbra, Real Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1713, p. 168.

<sup>79</sup> *Ibidem*, tomo IV, 1713, p. 153.

<sup>80</sup> *Ibidem*, tomo V, Lisboa, Officina de Pascoal da Sylva, 1716, p. 251.

<sup>81</sup> *Ibidem*, pp. 434-435.

<sup>82</sup> Cf. ANSELMO CAETANO MUNHO'S DE AVREU e CASTELLO BRANCO, *Ennoea, ou a Applicação do Entendimento sobre a Pedra Filosofal*[...] Prologo Galeato, p. 83.





SANDRA SILVA

na corrente de literatura alquímica que se exprimia em verso, corrente essa onde se encontrava, a título de exemplo, o *Sommaire Philosophique*, poema alquímico do século XV que a lenda foi atribuindo a Nicolas Flamel (1330-1418), o reconstrutor da igreja de Saint-Jacques-de-la-Boucherie<sup>83</sup>; a acima citada *Chrisopeia* (1515), composição versificada em latim da autoria do referido J. Aurello Augurello (1441-1524); e o *Ritual de Alquimia*, poema anónimo redigido em inglês que, sendo impresso pela primeira vez em 1618, se compõe de sete capítulos, ao longo dos quais se declara, entre múltiplas coisas, o quanto a tradição hermética constitui um conhecimento sagrado que, devidamente empregue, enobrece o carácter, ao favorecer a eliminação da glória vã, da ambição, da extorsão e do excesso<sup>84</sup>.

Contemplando a crisopeia como uma doutrina secreta, à qual só alguns acediam por desígnio divino, Bocarro entendia a Pedra Filosofal como “*grau thesouro*”<sup>85</sup> ou “*segredo, & maravilha da natureza*”<sup>86</sup>. Embora a considerasse a parte mais excelente da filosofia natural, pois permitia fazer ouro artificial perfeitíssimo, o que não era contra a razão nem acto diabólico, Bocarro parece não ter chegado a cultivar a sua preparação pela «Chymica» e nem ter procedido à experiência da transmutação dos metais<sup>87</sup>, tarefas morosas que preferia deixar “*pera que seus professores a exercitem, porque a nossa medica facultade, não nos dà lugar, pera que nos diuertamos a outras artes*”<sup>88</sup>. Na verdade, os seus comentários sobre a *Lapis Philosophorum* são o resultado do dito encontro que tivera com D. Baltasar de Zúñiga corria o ano de 1622, momento em que, tentando desvanecer as dúvidas que aquele nobre possuía acerca da transformação dos metais, começou por dissertar sobre a virtude aurífera da Pedra Filosofal, no que fora

<sup>83</sup> Cf. NICOLAS FLAMEL, *Écrits Alchimiques*, Posfácio de Didier Kahn, Paris, Les Belles Lettres, 1993, pp. 103-104.

<sup>84</sup> Cf. E. J. HOLMYARD, *A Alquimia*, Lisboa, Editora Ulisseia, 1957, pp. 197-198.

<sup>85</sup> Cf. MANOEL BOCARRO FRANCES, *Anacephaleoses da Monarchia Lusitana[...]*, fl. 11, oit. 37.

<sup>86</sup> *Ibidem*, fl. 38.

<sup>87</sup> *Ibidem*, fl. 29.

<sup>88</sup> Cf. MANOEL BOCARRO FRANCES, *Anacephaleoses da Monarchia Lusitana[...]*, fl. 39v.



auxiliado por um fidalgo Napolitano, “*grão Chymico*”<sup>89</sup> bem instruído nos segredos da *Ars Magna* que, ficando na sombra ao não trazer à luz o seu nome, à boa maneira dos alquimistas, explanou brevemente como do Enxofre e do Mercúrio filosófico se obtinha a *Lapis Philosophorum* de acordo com uma das vias da tradição hermética, avisando que havia outras<sup>90</sup>. Ora, estas explicações que Bocarro e o fidalgo de Nápoles concederam a Zúñiga constituem precisamente os argumentos expostos ao longo das estâncias crisopeias do *Stado Astrológico*, como se pode constatar: “*as razões que eu disse, & o modo que ensinou o Napolitano proponho neste Anacephaleosis da oytana 37. atte 56. por donde he necessario que sobre estas oitanas façamos hua breue Chrysopeya annotação*”<sup>91</sup>.

Se bem que confessasse que não se entregava aos labores herméticos, que não era alquimista, Bocarro acreditava pois no fabrico do ouro, ora por meio de “*decoção*”, obra realizada nos próprios metais, ora por virtude da Pedra Filosofal, que funcionava como uma espécie de enxerto<sup>92</sup>. Com efeito, comungando das citadas noções da corrente hermética, Bocarro defendia que a matéria do reino metálico é somente uma, havendo apenas um metal perfeito, o ouro, sendo os restantes “*inchoações, & principios*” dele<sup>93</sup>; porém, nem sempre a natureza consegue alcançar a derradeira perfeição, porque os metais ou se impedem por si, escasseando-lhes algum requisito, ou porque antes do tempo de atingirem a sua maturação geológica são arrancados das entranhas telúricas pela cobiça dos homens<sup>94</sup>; ainda assim, porque o destino, o fim último do mundo é a perfeição, podem alterar-se de modo a receber a forma mais presente, a do ouro. Ora, convertê-los neste estado de graça aurescente

<sup>89</sup> *Ibidem*, fl. 28.

<sup>90</sup> *Ibidem*, fl. 29v.

<sup>91</sup> *Ibidem*.

<sup>92</sup> *Ibidem*, fl. 31.

<sup>93</sup> *Ibidem*, fl. 31v.

<sup>94</sup> *Ibidem*, fl. 31v-32.

SANDRA SILVA

por meio da *Lapis* é reduzi-los “*de potencia a acto*”<sup>95</sup>, é fazê-los manifestar a pureza contida em estado latente, pois a Pedra, sendo semente do metal dourado, age como garfo ou enxerto: “*assi como hu garfo q se exere em hua aruore differete a qual despois se trasmuta na specie do mesmo garfo, ou enxerto; e esta transmutação se faz nos metaes por virtude do garfo, enxerto, ou semente do ouro, que he a Pedra num instante*”<sup>96</sup>.

Postulante das propriedades da *Lapis*, Bocarro bebera os seus conhecimentos sobre a *Ars Magna* em diversas fontes da tradição hermética. Remontando a alquimia a Hermes Trismegisto, que parece ter trazido “*o modo, ou principio desta marauilhosa pedra*”<sup>97</sup>, menciona que quem a melhor “*cultinou e ornou*”<sup>98</sup> foi Geber, nome latino do grande sábio e alquimista árabe Jabir ibn Hayyân (c.721-c.815), o qual, tendo sido membro de uma confraria de místicos sufis, fora autor de relevantes tratados sobre a Arte do Amor, onde propõe, entre outras coisas, o aperfeiçoamento das massas corruptas dos minerais mediante o «balanço»<sup>99</sup>, concepção assente na busca do equilíbrio das qualidades, fixado em proporções numéricas.

A par destas referências, Bocarro evoca ainda uma curiosa galeria de autores herméticos, na qual figuram o já dito J. Aurello Augurello; J. Bracesco, alquimista italiano do século XVI que se distinguiu como um notável comentador de Geber; o atrás mencionado médico valenciano Arnaldo de Vilanueva que, havendo chegado a ser preso pelos esbirros do Santo Ofício<sup>100</sup>, parece ter redigido a tão celebrada obra *Rosarium Philosophorum*; Bernardo Trevisano (c. 1406-1490), paduano que buscava incessantemente a *Lapis* dos filósofos, tendo composto uma epístola endereçada a Tomás de Bolonha, onde, alegando que o mercúrio “*é o fundamento de todo o Magistério*”<sup>101</sup>,

<sup>95</sup> *Ibidem*, fl. 33.

<sup>96</sup> Cf. MANUEL BOCARRO FRANCÉS, *Anacephaleoses da Monarchia Lusitana [...]*, fl. 33v.

<sup>97</sup> *Ibidem* fl. 34.

<sup>98</sup> *Ibidem*.

<sup>99</sup> Cf. E. J. HOLMYARD, *A Alquimia*, Lisboa, Editora Ulisseia, 1957, p. 79.

<sup>100</sup> *Ibidem*, p. 127.

<sup>101</sup> Cf. BERNARDO TREVISANO, *Tratado da Natureza do Ovo*, in *Alquimia e Ocultismo*, selecção de textos de Vitor Zalbidea, Victoria Paniagua, Elena Fernandez de Cerro e Casto del Amo, Lisboa, Edições 70, [s.d.], p. 74.





discorreu engenhosamente acerca da ovo filosófico dos alquimistas; George Bauer (1494-1555), que compôs *De Ortu et Causis Subterraneorum* (1546), citado por Bocarro, e que adoptou o pseudónimo de Agricola devido à analogia existente entre a alquimia e a agricultura, analogia essa que suscitara na Antiguidade que a Arte de Hermes fosse chamada Agricultura Celeste; o já referido Pico della Mirandola, que haveria sido crente na transmutação dos metais por via das operações herméticas, parecendo ter elaborado um singelo escrito intitulado *De Aureo*, onde aborda episódios de transformações a que diz ter assistido ou lhe foram narrados por pessoas dignas de fé<sup>102</sup>; e o místico Raimundo Lull (1232-1315), o qual, apesar de ter pugnado contra a alquimia em vida, depois de ter sucumbido viria a ser eleito mestre pelos discípulos de Hermes, sendo-lhe atribuídas dezenas e dezenas de obras alquímicas, os designados escritos pseudolulianos<sup>103</sup>. Em torno dele se criara a lenda, mencionada por Bocarro, de que se houvera dedicado à *Ars Magna* e “q em Inglaterra fizera ouro perfeiíssimo; & delle se acunbara dinheiro chamado o Noboli Raimundi”<sup>104</sup>.

Inspirado pois por tais autores, Bocarro contesta quem reprova a Arte de Hermes pelo facto dos «Chymicos» não concordarem quanto à matéria da *Lapis* e seu modo de obrar, já que uns a chamam “*agoa viua*”, “*lenho da vida*”, “*sangue humano*”, “*leite virginal*”, enquanto que outros a nomeiam “*Mercurio dos Philosophos*”, “*Dragam*”, “*Elixir*”, “*medecina de todas as enfermidades, aquillo de que se bebe, & não morre*”<sup>105</sup>; todavia, com todas estas designações os herméticos referem-se a um só princípio, mas usaram tal confusão de nomes para ocultarem a sua ciência, “*assi como os poetas por fabulas, os philosophos por metaphoras occultarã os principios da Philosophia*”<sup>106</sup> e “*tambem a S. Escrip-*

<sup>102</sup> Cf. YVETTE KACE CENTENO, *Hermetismo e Utopia*, Lisboa, Edições Salamandra, 1995, p. 36.

<sup>103</sup> Cf. PIERRE LASZLO, *ob. cit.*, p. 40.

<sup>104</sup> Cf. MANOEL BOCARRO FRANCES, *Anacephaleoses da Monarchia Lusitana* [...], fl. 39v.

<sup>105</sup> *Ibidem*, fl. 34.

<sup>106</sup> *Ibidem*.



SANDRA SILVA

*tura falla por Parabolos*"<sup>107</sup>. Entre aquelas designações acha-se então a da Fénix, maravilhosa ave que num ninho odorífero pereceu queimada, nascendo das suas cinzas nova ave, enigma através do qual *"quizerão os sabios antigos explicar a dignidade da Pedra Philosophal; & que da sua cinza se produzia outra, & outra Pedra, como os Chymicos ensinão"*<sup>108</sup>.

Defensor das expressões cifradas dos «filósofos pelo fogo», Bocarro, espelhando os ensinamentos da tradição hermética, passa a descrever o modo de preparação da *Lapis*, alegando que esta, enquanto matéria, antes de alcançar o estado filosófico, se reparte em dois modos ou fundamentos, no Enxofre, *"Espiritu sutil"*<sup>109</sup>, que *"tem as forças de macho"*<sup>110</sup>, e no Mercúrio, *"corpo vnido"*<sup>111</sup>, que *"tem as vezes da femea"*<sup>112</sup>, os quais como princípios ou *"agentes naturais"*<sup>113</sup> vão actuando entre si, posto que os *"dous saõ, do que digo, os instrumentos, / Hum saye deste, & este rege estoutro, / Ambos vnidos, & hum melhora a outro"*<sup>114</sup>.

Coisa dupla, a matéria da *Lapis* era depois posta na retorta ou Ovo filosófico, *"vidro forte, & bem tapado"*<sup>115</sup>, a fim de impedir a libertação de algum vapor. Macerada por um *"fogo philosophico"* que *"de contino sem queimar ardia"*<sup>116</sup>, atravessa então a sublimação pelas chamas e a decorrente epifania das cores, entrando na fase da *putrefactio*, altura em que, descendo à noite sombria, à desnudez e à mortificação, se torna negra *"como a tinta"*<sup>117</sup>; em seguida, *"como a neve"*<sup>118</sup>; vai embranquecendo, acedendo à fase do Albedo, momento em que da

<sup>107</sup> *Ibidem*, fl. 34v.

<sup>108</sup> *Ibidem*, fl. 35.

<sup>109</sup> *Ibidem*, fl. 12v, oit. 44.

<sup>110</sup> *Ibidem*, fl. 38v.

<sup>111</sup> *Ibidem*, fl. 12v, oit. 44.

<sup>112</sup> Cf. MANOEL BOCARRO FRANCES, *Anacephaleoses da Monarchia Lusitana*[...], fl. 38v.

<sup>113</sup> *Ibidem*, fl. 12v, oit. 45.

<sup>114</sup> *Ibidem*, fl. 12v, oit. 44.

<sup>115</sup> *Ibidem*, fl. 13, oit. 49.

<sup>116</sup> *Ibidem*.

<sup>117</sup> *Ibidem*, fl. 13v, oit. 50.

<sup>118</sup> *Ibidem*.

morte ressuscita pura, virginal e lunar, dotada do poder de verter em prata belíssima os metais brutos, vis; e mantendo-se ao lume, da purificação láctea, alva, passa finalmente para a fase do Vermelho, do “*Rubi*”<sup>119</sup>, onde atinge a plenitude da perfeição, a integridade amorosa, o triunfo solar, que detém a capacidade de transformar em ouro os metais imperfeitos em que tocar.

Sendo pois semente do ouro, a Pedra é, para Bocarro, um “*rosal*”<sup>120</sup> de flores puras, perfeitas e abundantes, que permite ora a dita conversão dos seres metálicos «imatuross» em metais nobres ora a aquisição de uma “*medicina tal*” que, por “*occulta virtude*”<sup>121</sup>, cura relutantes e perigosas enfermidades melhor do que o célebre médico Galeno (131-301) e o eminente físico Avicena (980-1037). Devido a tamanhas propriedades, é o supremo segredo que a natureza traz escondido<sup>122</sup>, o tesouro que se acha vedado ao vulgo, para que lhe não aceda “*a gente ambiciosa, vam, proterua*”<sup>123</sup>, prisioneira da cobiça, mas que se encontra desvendado a poucos, aos amantes da justiça, do alto e a quem a benignidade do Céu<sup>124</sup>, de Deus, escolhe, pois, dizem os alquimistas, só Deus é o verdadeiro autor da Obra, só Ele a assina.

## Agradecimentos

Este artigo beneficiou do precioso auxílio da Professora Doutora Ana Isabel Buescu, do Professor Doutor José Manuel Anes, da amiga Cátia Mourão, da minha irmã Paula Luíz e de meus Pais, a quem devo tanto.

---

<sup>119</sup> *Ibidem.*

<sup>120</sup> *Ibidem*, fl. 14, oit. 53.

<sup>121</sup> *Ibidem.*

<sup>122</sup> *Ibidem*, fl. 14, oit. 54.

<sup>123</sup> *Ibidem*, fl. 14, oit. 55.

<sup>124</sup> *Ibidem*, fl. 14, oit. 55.

